



Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos



Espiritualidade Franciscana

Fr. Giulio Cesareo, OFM Conv, Editor LEV

O discernimento na espiritualidade franciscana

Acredito que algumas considerações sobre a história e espiritualidade de Francisco de Assis são essenciais para compreender a espiritualidade franciscana e o contributo que ela pode dar hoje ao processo sinodal. Também para os nossos contemporâneos, de facto, Francisco continua a ser uma fonte constante de inspiração. A história do franciscanismo, por fim, também pode ser lida como uma incapacidade e fracasso em viver o discernimento comunitário: as tensões entre 1400 e 1500 entre as 2 tendências (conventual e observante) dentro da única Ordem franciscana não levarão à reconciliação, mas à separação, à fractura em 1521 entre 2 famílias distintas e completamente autónomas e separadas: os conventuais e os observantes (situação que ainda hoje persiste na ordem dos frades menores e menores conventuais). É claro que destas experiências traumáticas também podem ser extraídos muitos ensinamentos para o nosso tema.

A experiência pessoal de Francisco de Assis

Tanto da história biográfica como dos escritos de São Francisco podemos intuir alguns elementos essenciais do seu modo (e dos seus irmãos, discípulos e seguidores) de discernir a vontade do Senhor. De facto, Francisco transporta dentro de si desde o início da sua experiência religiosa a necessidade de discernir para entender o que fazer e o que agrada a Deus. Vou destacar alguns episódios com números, a título de lista, para ser mais esquemático e – espero – claro.

1. O próprio Francisco afirma no seu Testamento que ninguém lhe disse o que fazer, mas o próprio Altíssimo lhe revelou que devia viver segundo a forma do santo Evangelho. Esta mesma busca, porém, nasceu de um encontro com um leproso, a quem Francisco se sentiu inspirado a abraçar e beijar. Sabemos pelos seus acontecimentos biográficos que esta inspiração e consciência para seguir o Evangelho (em particular na forma do discurso apostólico no contexto das Bem-aventuranças: vai e proclama o Evangelho, não vistas 2 túnicas, nem bengala, etc.) amadurece claramente durante a escuta do Evangelho na missa, na igreja da Porciúncula, num episódio que lembra um pouco a história contada por Santo Atanásio a propósito da vocação de António Magno.
2. Também sabemos dos seus acontecimentos biográficos que o início da sua conversão e as primeiras escolhas evangélicas foram motivadas por um sonho, que teve em Spoleto – durante a sua viagem à Puglia para participar numa campanha militar e conquistar o título de cavaleiro – em que o Senhor lhe aparecia e lhe perguntava: Francisco, queres servir ao servo ou ao mestre? E Francisco responde: O mestre. E o Senhor – sempre a dormir – recomeça: então volta para Assis e lá te será dito o que fazer.

3. Uma das características do processo de discernimento que sempre acompanhou Francisco é a verificação eclesial. Chamado a responder perante o bispo de Assis pelo seu pai por ter dado aos pobres consideráveis quantias em dinheiro e tecidos preciosos, despe-se publicamente, devolve as suas roupas ao pai e coloca-se sob a proteção do bispo que, acolhendo-o, confirma-o na bondade da inspiração divina que estava a seguir.
4. Alguns anos depois, após ter reunido os primeiros companheiros à sua volta, vai a Roma perguntar ao Papa Inocêncio III se aprovava o estilo e a *forma de vida* (que se tornará o fio condutor da futura regra dos Frades Menores), na realidade composta por pouco mais do que algumas frases do Evangelho, que foi o texto inspirador da nova experiência espiritual dos frades.
5. Há outro episódio significativo a respeito do nosso tema. Poucos anos depois do início da experiência minorítica, Francisco é assaltado pela dúvida se deveria continuar a sua pregação itinerante ou se deveria retirar-se para uma vida de eremita. Nesta ocasião, pede a pessoas de confiança (alguns companheiros e Clara de Assis) que orem para receber uma indicação do Senhor a este respeito. Este episódio parece lembrar-nos um pouco da dinâmica da escolha entre o *bem* e o *melhor*, típica da segunda semana dos exercícios inicianos.
6. No final da sua vida, quando havia fortes tensões dentro da Ordem sobre como a regra era interpretada e sobre o estilo de vida da fraternidade que se originou da sua experiência (de Francisco), também neste caso – embora se sentisse humanamente posto de lado pela nova direção da Ordem (cf. o famoso relato da *Perfeita Alegria*) e percebesse o afastamento das fraternidades dos frades do seu ideal originário – mesmo neste caso regressa – não sem esforço pessoal – ao julgamento da Igreja manifestado pelo cardeal protetor, o então cardeal Ugolino, que logo se tornaria no papa Gregório IX. A orientação era, portanto, aderir ao processo de conventualização exigido pelo papado das ordens mendicantes.
7. Em alguns momentos da sua vida em que as doenças e os cuidados dos frades o “obrigam” a mitigar a sua austeridade, acredita que o critério da transparência é sempre essencial: recorda-se do episódio em que, por causa do frio, os frades lhe pedem que concorde em mandar costurar um pedaço de pele na batina para cobrir o estômago. Francesco aceita, desde que o pelo também seja visível no exterior, para evitar o risco de hipocrisia.

Deste modo, parece-me que emergem algumas características fundamentais do processo de discernimento na vida de São Francisco, que se tornam património da espiritualidade que dele emanou.

- a. O processo de discernimento nunca parte de questões abstratas (à mesa), mas de desafios concretos da vida, de inspirações e pensamentos que surgem do encontro entre as necessidades e provocações da vida e o desejo sincero e profundo de agradar a Deus e de cumprir a sua vontade.
- b. Francisco está constantemente a ouvir a Igreja, porque acredita que Deus revela nela a sua vontade (mesmo que não esteja em sintonia com a visão do próprio Francisco): tanto nas suas instâncias institucionais (o bispo, o Papa, o cardeal protetor) como na voz dos homens e mulheres de Deus, bem como nas palavras e ações dos simples e dos últimos. Recordamos este episódio no qual Francisco afirma estar disposto a obedecer ao último noviço que entrou na Ordem porque Deus gosta de revelar a sua vontade precisamente nos mais pequenos e nos últimos.
- c. O discernimento é um processo que acompanha toda a vida de Francisco e o leva a um progressivo desapego de si mesmo, mesmo da intuição originária da sua vocação, a favor de uma adesão cada vez mais radical e total ao Cristo pascal.

Para o propósito da nossa jornada de reflexão, de facto, é particularmente significativo o processo de discernimento, ao mesmo tempo pessoal e comunitário, na vida de Francisco e da comunidade franciscana

primitiva. Nos últimos anos da sua vida, de facto, fala-se de uma “grande tentação” que teria afligido Francisco durante cerca de 2 anos. Historiadores contemporâneos sustentam que foi precisamente a sua luta para aceitar as mudanças “carismáticas” dentro da fraternidade minorítica (precisamente apoiada pela Igreja) que Francisco e os seus primeiros companheiros viram precisamente como uma traição ao ideal original⁷⁵. A tentação que consistia – parece – na possibilidade de afirmar a sua identidade e o seu carisma de fundador (e a sua conhecida e inatacável coerência evangélica) para impor as suas visões e a sua vontade ao grupo “reformador”. Francisco – pessoalmente – “resolve” esta tentação de usar os “dons de Deus” para se impor, através da experiência mística dos estigmas, na qual sente que a sua vocação é aderir a Cristo crucificado (crucificado com Cristo, parafraseando São Paulo) e não servir-se dos bens espirituais para travar uma batalha mundana (que é precisamente a imposição da vontade e das opiniões). Trata-se de certo modo daquela passagem que são as verificações (do intelecto, da vontade e do amor) da segunda semana dos exercícios de Santo Inácio. Como mencionei anteriormente, a história da *Perfeita Alegria* é de algum modo o fruto maduro dessa nova consciência e adesão à Páscoa de Cristo na sua própria carne pelo Irmão Francisco: uma consciência e uma adesão que são ao mesmo tempo fruto de um verdadeiro discernimento e critério de discernimento para novas opções e atitudes pessoais e comunitárias.

A experiência comunitária de Francisco e da primeira comunidade minorítica

Efetivamente, como sabemos, a questão principal do discernimento é precisamente o critério, o “gosto” de Deus, como o definem tantos autores espirituais, que tem que ver precisamente com a adesão da inteligência e do coração à Páscoa de Cristo, para que diminua na existência pessoal e nos acontecimentos da vida comunitária e eclesial. A chave para o discernimento comunitário é, acima de tudo, a adesão autêntica das pessoas à Páscoa de Cristo na própria vida. São Francisco destaca e mostra esta consciência de maneira particular nas suas *Admoestações* (que provavelmente eram precisamente as exortações feitas aos frades – no contexto dos capítulos, encontros, mas certamente também na vida quotidiana – que são considerados um pouco como as *Bem-aventuranças* franciscanas). Nestes textos – dirigidos aos frades reunidos em assembleia, muitas vezes para tomarem decisões – um elemento que regressa é a dinâmica (para usar as palavras do próprio Francisco) entre o *espírito da carne* e o *espírito do Senhor*. Na verdade, refere-se a 2 mentalidades, que em termos atuais poderíamos definir como a *mundanidade espiritual* e a mentalidade eclesial/comunitária. De facto, o *espírito da carne*, sobre o qual Francisco adverte os frades, é precisamente a tentação e a tendência de se proteger antes de tudo também através da religiosidade, dos dons espirituais, das próprias virtudes, etc. Por outro lado, o *espírito* (escrito com letra minúscula porque é precisamente uma mentalidade) do Senhor é a lógica pascal da semente que sabe que – se não morre – fica só e é infértil. Neste caso, o critério do bem e do mal não é o eu, mas as relações: fundamentalmente aquela que é mediada com o Senhor, verificada e alimentada por aquela com os irmãos e vice-versa. Francisco, portanto, percebe que as escolhas evangélicas da comunidade não podem ser sustentadas senão pelo crescimento das pessoas e da comunidade como um todo numa mentalidade deste tipo: na nossa tradição franciscana conservou-se, portanto, o costume de acompanhar os processos de discernimento comunitário com percursos de formação espiritual que alimentam e aprofundam a adesão do coração à Páscoa de Cristo

⁷⁵ No contexto social do urbanismo e do crescimento das cidades em 1200, o papado viu nas ordens mendicantes (inclusive os franciscanos) um recurso precioso para a evangelização e para a cura espiritual das novas classes da cidade. No entanto, isto implicou uma transformação do estilo de vida original numa existência conventual, sedentária – não mendicante – garantida pela posse de rendas económicas, em grandes conventos, com *Studia* para o aprofundamento e ensino da teologia aos candidatos. E tudo isto em comparação com a vida itinerante “abandonada à Providência” do início do franciscanismo pode parecer uma verdadeira traição.

como critério para o sucesso da própria vida a nível pessoal e comunitário, porque esta adesão nunca pode ser dada como certa.

O desenvolvimento e a prática do discernimento na vida de hoje das comunidades franciscanas

No contexto cultural e social em que nasceu a nossa Ordem (sobretudo no fim da Idade Média na Itália), a fraternidade caracterizou-se sempre por uma forte marca *democrática*. As decisões importantes devem ser sempre fruto do consenso da maioria e não devem ser impostas pelas autoridades. Existe a consciência comum de que a instância máxima da autoridade é precisamente o capítulo (tanto a nível local, provincial como geral) no que diz respeito às respectivas autoridades pessoais do guardião (superior local), do ministro provincial e do ministro geral. Numa estrutura deste tipo – em que a autoridade superior é precisamente a capitular – é essencial a questão da convergência e do lento e paciente discernimento comunitário. As principais ferramentas neste sentido são: a partilha transparente de informações sobre o tema a ser tratado, percepções ad hoc – na sua maioria confiadas a terceiros “externos” e, portanto, imparciais – em particular durante determinadas assembleias fraternas extraordinárias, a possibilidade da partilha em pequenos grupos e em assembleia de prós e contras. De seguida, as decisões são geralmente delegadas à assembleia capitular ordinária, que se realiza em período posterior, para que haja um tempo adequado para que a decisão amadureça e seja partilhada tanto quanto possível.

Num processo deste tipo, conflitos e divergências de pontos de vista estão na ordem do dia e o caminho habitualmente percorrido é mais uma vez o da paciente dinâmica de:

- a) Caminho de “purificação” pessoal e comunitário de atenção exagerada ao eu para uma visão mais comunitária e evangélica das questões (formação espiritual e intelectual sobre a questão)
- b) Ouvir todas as pessoas envolvidas (a nível pessoal, de pequenos grupos e de assembleia)
- c) Ter em conta as instâncias manifestadas também pelo desacordo (que é sempre livre) e que em geral é considerado útil para uma compreensão profunda das questões e para elaborar decisões o mais partilhadas possível.
- d) Adiar a decisão – mas com risco de imobilidade – até que uma visão partilhada (mesmo antes de uma decisão) faça o seu caminho. Para evitar esse risco, a autoridade tende a estabelecer prazos razoáveis nos quais a decisão deve ser tomada. Um exemplo deste processo foi, por exemplo, a elaboração das novas constituições da Ordem, que contou com o envolvimento de todos os frades e de todas as comunidades (durante cerca de 4 anos) através de questionários e da partilha de projetos de trabalho nas várias línguas, e em seguida, confiar a versão final a uma comissão de especialistas. O texto foi depois aprovado em 3 momentos sucessivos pelo ministro geral com o seu conselho, pelo capítulo geral e finalmente pela congregação dos religiosos. Todo o processo demorou cerca de 7 anos.

a) Outro exemplo é o seguinte. Para evitar esse risco de imobilidade, optamos por recorrer ao capítulo da instância superior. Em alguns casos, de facto, como por exemplo na decisão do redimensionamento de algumas províncias, visto que existia um impasse a nível local, foi feito o discernimento e a decisão pela redução foi tomada pelo capítulo geral. Esta decisão comunitária possibilitou a aceitação (de alguma forma até de boa vontade) da própria decisão das comunidades e dos frades envolvidos. Certamente não teria ocorrido a mesma adesão se a decisão tivesse sido tomada individualmente pelo ministro geral ou pelo seu conselho.

Neste contexto, uma das principais funções da autoridade dos superiores é a de fomentar este processo de escuta mútua, solicitar o envolvimento pessoal e comunitário e ajudar a ouvir os pedidos objetivos provenientes, por exemplo, da Igreja.

Finalmente, outro dos riscos desta modalidade *franciscana* é certamente o de ser um pouco genérico: concorda-se em princípios ou valores gerais, mas é mais difícil passar ao nível operacional, tendo em conta as diferenças culturais, sociais e eclesiais em que vivem os frades.

Resumidamente, acredito que entre os elementos-chave no contexto da nossa reflexão hodierna estão:

- a. O cuidado de uma formação espiritual que nutra as opções evangélicas numa lógica pascal segundo o *espírito comunitário* (o *espírito do Senhor*, diria São Francisco) e não segundo os critérios do mundanismo (mesmo espiritual)
- b. Ouvir a todos e a firme vontade de ter em conta – na medida do possível – todas as necessidades expressas, incluindo as das pessoas mais marginalizadas.
- c. Promover a manifestação construtiva de desacordo
- d. A lógica da convergência: permitir que, a partir do diálogo paciente e aberto, na medida do possível, o bem seja escolhido e feito emergir, para um consenso cada vez mais global.